



# VISÕES LITERÁRIAS E CENAS URBANAS DA FEIRA DE SANTANA DA DÉCADA DE 1940

 10.5935/2177-6644.20220026

LITERARY VISIONS AND URBAN SCENES  
OF THE FEIRA DE SANTANA OF THE 1940s

VISIONES LITERARIAS Y ESCENAS  
URBANAS DE LA FEIRA DE SANTANA DE  
LA DÉCADA DE 1940

**Márcia Suely Oliveira do Nascimento \***

 <https://orcid.org/0000-0002-5349-5073>

**Resumo:** O presente artigo traz algumas reflexões sobre o processo de elaboração de memórias e representações da Feira de Santana da década de 1940, a partir da contraposição entre os romances *O Lobisomem de Feira de Santana* (2002), de Fernando Ramos e *o Setembro na Feira* (1986), de Juarez Bahia. Ao utilizar esses romances baianos como fonte de pesquisa histórica, entendemo-los enquanto objeto de análise, reflexão e questionamento, que ao ser mediado pelo olhar criterioso do historiador/historiadora, possibilitam a elaboração de um conhecimento histórico, ao mesmo tempo que, viabilizam reflexões sobre essa relação de aproximações e afastamentos entre a Literatura e a História.


**Palavras-chave:** Literatura. Cidade. Representações. Memórias.

**Abstract:** This article brings some reflections on the process of memories elaboration and representations about the 1940's Feira de Santana, from the opposition between the novels *O Lobisomem de Feira de Santana* (2002), by Fernando Ramos and the *Setembro na Feira* (1986), by Juarez Bahia. By using these Bahian novels as a source of historical research, we understand them as our object of analysis, reflection and questioning, which, when mediated by the careful gaze of the historian, enable the elaboration of historical knowledge, while enabling reflections on this relationship of approximations and distances between Literature and History.

**Key-words:** Literature. City. Representations. Memory.

**Resumen:** Este artículo trae algunas reflexiones sobre el proceso de elaboración de memorias y representaciones sobre Feira de Santana de la década de 1940, a partir de la oposición entre las novelas *O Lobisomem de Feira de Santana* (2002), de Fernando Ramos y *Setembro na Feira* (1986), de Juárez Bahía. Al utilizar estas novelas bahianas como fuente de investigación histórica, las entendemos como un objeto de análisis, reflexión y cuestionamiento que, mediado por la mirada cuidadosa del historiador/historiadora, permiten la elaboración del conocimiento histórico, al tiempo que permiten reflexiones sobre esta relación de aproximaciones y distancias entre Literatura e Historia.

**Palabras-clave:** Literatura. Ciudad. Representaciones. Recuerdos.

\* Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Docente vinculada a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEEBA).  <http://lattes.cnpq.br/8182566201735022> - E-mail: [marciasuely90@gmail.com](mailto:marciasuely90@gmail.com).

A cidade ressignificada nas obras literárias é praticada enquanto espaço de múltiplas ações e sujeitos. Cada autor ao exercer a escrita e o lugar de leitor da urbe elabora na sua narrativa discursos sobre os seus habitantes e institui um imaginário e uma memória específica, o que nos leva inicialmente a visitar os autores e suas obras.

Fernando Lysesfrank Sousa Ramos, segundo Jorge Araujo (2008, p. 260) era baiano de Feira de Santana, nascido em 1934 e falecido aos 76 anos de idade. Foi escritor, jornalista e advogado. Nos jornais, como o *A Tarde* e o *Feira Hoje*, assumiu, respectivamente, as funções de crítico e editor. Participou do elenco de *Um crime na rua*, um curta metragem de Olney São Paulo, o que demonstrava sua paixão pelo cinema. Enquanto escritor, além de textos publicados nos jornais, como o folhetim *Meu nome não é Vargas*, escreveu romances como *Os Enforcados* (1969), e *O Demônio* (1970), os quais ganharam o Prêmio Jorge Amado em 1968 e 1969, respectivamente; e *O Lobisomem de Feira de Santana* (2000), obra que utilizo enquanto uma das fontes deste estudo.

*O Lobisomem de Feira de Santana*, lançado pela Secretaria de Cultura e Turismo/ Empresa Gráfica da Bahia, e reeditado em 2002, consiste em um romance que segundo o próprio autor “é uma homenagem ao povo de Feira de Santana, minha terra. Tem algum valor literário. Vários episódios inexistiram. Outros existiram. Afinal, é uma obra de ficção” (RAMOS, 2002, p. 6).

Ambientado em Feira de Santana, as ações de *O Lobisomem de Feira de Santana* se passam no ano de 1945. Nele são narradas situações do cotidiano da cidade, bem como, de seus personagens a partir do protagonista Permínio Andrade, rapaz de família da classe média feirense, e do próprio autor que é representado como o adolescente Fernando Espírito. Apesar de nominar o romance, o lobisomem é apenas um elemento com um quê ficcional transparecendo o gosto do autor pelo cinema. Os capítulos são organizados em *rounds* que ao expressar fatos e ações de uma realidade da vida social da cidade provenientes das memórias do autor, evidencia uma Feira de Santana distante dos ares da modernidade.

Com relação ao segundo autor a ser discutido neste artigo, Benedito Juarez Bahia, baiano de Cachoeira, nasceu em 1931, escreveu romances como *Setembro na Feira* (1986) e *Ensina-me a ler* (1994), além de outras obras sobre imprensa e jornalismo, e faleceu em 1998 (ARAÚJO, 2008, p. 320). Foi jornalista, professor, escritor, advogado, publicitário e consultor de empresas nas áreas de Comunicação, Administração Editorial e Jurídica. Aos 15 anos já escrevia no jornal feirense *Folha do Norte*, mas projetou-se na cidade de Santos, onde trabalhou no *Diário de Santos* e *A Tribuna*. Foi autor de artigos para diversos jornais, tais como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *Visão*, atuando também para a implantação da TV Cultura em São Paulo.

No romance *Setembro na Feira*, Juarez Bahia delineou o cotidiano de Feira de Santana nas décadas de 1930/1940, atentando para as suas mudanças urbanas, o que é descrito através das impressões do protagonista Florêncio diante da emergência da rodovia BR-116, do surgimento dos bairros e da expansão da urbe. Em sua narrativa percebe-se a semelhança entre o autor e o protagonista, o que aponta para uma identificação da cidade a partir de suas memórias, da vivência no subúrbio e das paisagens e elementos rurais e urbanos.

A concepção dos autores enquanto testemunhas, partícipes e intérpretes do momento histórico aqui retratado, mais precisamente o cotidiano da Feira de Santana da década de 1940, levam-nos a reconhecer ambos como sujeitos ativos do seu processo de elaboração das representações dos aspectos diários da cidade. Ao nos referirmos aos sujeitos, compreendemo-los, portanto, enquanto indivíduos, grupos ou classes sociais que participam dos processos históricos seja de maneira consciente ou inconsciente. Nas narrativas literárias descortina-se a possibilidade da criação de um mundo possível no qual é dado ao literato o poder de confirmar ou negar o que existe, propor algo novo, reafirmar, ultrapassar ou manter numa invenção própria do social. Mas, quando a literatura desloca para a ficção fatos e personagens históricos reais é preciso atentar para os sentidos que são atribuídos às diversas categorias e sujeitos sociais, perceber as intencionalidades e os silêncios.

No exercício do deslindamento das múltiplas perspectivas que podem surgir da abordagem desses entes sociais, vislumbra-se aspectos relacionados, por exemplo, às temáticas de gênero e etnicidade. No escopo limitado do presente estudo, porém, não temos a pretensão de realizar uma abordagem mais detida de tais elementos, mas, demonstrar sua ocorrência e sua vinculação às concepções dos autores indicando, quiçá, possibilidades de retomada destes aspectos por novas e futuras investigações. Começamos, por atentar ao personagem principal da obra de Fernando Ramos, o Permínio Lopes Andrade.

O personagem é indicado como um estudante (bolsista) da 4ª série ginásial do Colégio Santanópolis, que residia numa casa de aluguel próxima a Praça da Matriz, e que assumiu em 1945 o papel de fiel observador e crítico da sociedade feirense. Ao assumir a condição de espectador, Permínio faz alusão ao poder de ação dos padres e da Igreja Católica, à precariedade das instalações do Cine Santana, aos hábitos de caridade ou sua ausência entre os que poderiam praticá-la, ao desemprego, às moradias e famílias ricas locais, ao comércio, dentre outros ambientes e situações próprias do centro da cidade. A partir da descrição de tal comportamento, apreende-se do romance que Permínio personificava o “bom cidadão” que percorria as ruas citadinas defrontando-se com

outros sujeitos, aqueles que não são reconhecidos pelo autor por meio do sobrenome, mas, pelo tom da pele ou da localização da sua moradia. Em *O Lobisomem de Feira de Santana*, a referência à classe trabalhadora é por vezes, expressa por meio da invocação da sua atividade profissional e cor da derme.

[...] O engraxate Dimundinho, residente na Pedra do Descanso, mandara rezar uma faca pontiaguda, amolada, dessas de nome peixeira, e lançava dardos contra o lobisomem. ‘Mas ele só aparece em noite de lua cheia’ replicava Gimi, o outro engraxate, preto como fuligem, exageradamente medroso que engraxava sapatos ao lado do colega, na Praça da Bandeira [...] (RAMOS, 2002, p. 44).

Referências como “uma empregada escura, o mulato Fechabeco, o cabelo bom, moreno” (RAMOS, 2002, respectivamente, p. 91, 71, 47), dentre outras, nos fazem atentar para a elaboração de uma representação que reforça o lugar social das pessoas negras atrelado às atividades braçais, ou a prestação de serviços domésticos. Pobres e negros ainda são associados a ausência de instrução escolar e a feiura como na citação a Joel Capenga, “de nível inferior e decadente, curso primário, [...] feio, mal-amanhado [...] mulato, de chapéu de investigador, puxando da perna” (RAMOS, 2002, p. 70-71).

A imagem do cidadão projetada em Permínio contraposta à descrição do mais pobre e negro, como o Gimi, revela uma leitura sobre as restrições à cidadania, aos cerceamentos dos espaços urbanos e das benesses sociais. E o romance avança um pouco mais nessa ênfase à questão racial quando reafirma o mito de Lucas da Feira como aquele “preto, assaltante e enforcado” (RAMOS, 2002, p.125). Notável, a preocupação de Ramos em delimitar, distintamente, as gentes da cidade. Alguns pela importância econômica. Outros pela influência política (como o Coriolano Carvalho), mereceram citações elogiosas na narrativa. A figura humana desses não foram descritas através de adjetivos nem bons nem depreciativos. Ao perceber e apontar as distinções na descrição destas figuras masculinas ao longo da narração, buscamos salientar aspectos que em princípio, estariam apenas subentendidos ou que resultariam, poder-se-ia especular, de um movimento não intencional de reificação pelo autor das diferenças e virtudes (ou sua falta) entre grupos étnicos e sociais.

Existe um discurso fundamentado em ideais de classe e raça que perpassa a escrita de Fernando Ramos, exibindo o que é desejável na ordem urbana moderna e simultaneamente, extraíndo, marginalizando os indesejáveis e que obviamente, direciona sua representação de cada elemento social como é o caso do próprio lobisomem. A figura mítica do lobisomem é abordada de modo irônico na obra por meio da figura de um licantropo que usa luvas (normalmente, sinal de distinção social em terras tropicais). No entanto, a fim de deter o monstro o personagem do delegado, que representava à autoridade policial da cidade, formula uma lista de suspeitos que passa

a ser preenchida com o nome dos desafortunados, aqueles considerados feios ou possuidores de hábitos não comuns à maioria da população. Cabe aqui questionar quem, na visão de mundo do autor, seriam os indivíduos que se enquadrariam nesta seleção de potenciais desajustados?

Pelo que já demonstrado da percepção do romancista, não chega a surpreender que o delegado buscasse o culpado por encarnar o lobisomem entre as camadas mais pobres e negras da cidade. Tipos que deveriam ser banidos da convivência social, tipos como:

[...] um velho de mais de sessenta anos, feio [...] um homossexual meio retardado, que leva latas de roxo-terra para o Colégio Santanópolis. Fede a bode.

[...] Analfabeto, o Dr. Gastão Guimarães descobriu que Telesco era epilético, homossexual assumido e, após a sua morte, desejar-lhe-ia o crânio para fazer um estudo, como Gall fez com a teoria da frenologia [...] (RAMOS, 2002, p. 162-163).

Entre um conjunto de características negativas ou mesmo em razão delas, Telesco aparece, pois, como um símbolo da insanidade humana, descoberto por acaso e sem maiores esforços pelas personagens de Permínio e Espírito. Nesse sentido, o episódio do lobisomem enquanto uma consequência do empobrecimento e da desigualdade social que impulsionava ações como o furto, expõe uma certa preocupação do autor com os malefícios causados pelo sistema político comandado por Getúlio Vargas no país, e mais especificamente, em Feira de Santana, haja vista que, constantemente na sua narrativa aponta o ditador como responsável direto pela submissão da população a repressão, ao desemprego e a pobreza.

[...] Waldomiro, como gerente, sabia que o Minotauro [Hora meu Bem] tinha seu sofrimento financeiro, deslocado da sociedade, sem descontrolo mental. [...] ‘De 1937 pra cá, nunca mais arranjei emprego’. Ele criticava o ditador, era proibido criticá-lo, tomou umas porretadas, dormiu no molhado da Rua da Cadeia, resolveram soltá-lo, comia demais, dava prejuízo, e seu protetor foi o pastor Antenágoras, construtor hercúleo, ajudado pelos jeovistas, carregou tijolos para a primeira Igreja de Testemunha de Jeová da cidade [...] (RAMOS, 2002, p. 136-137).

Para mais, essa visão expõe também uma certa ausência de empatia do autor ao mundo do trabalho não intelectualizado, afinal, Telesco tomava conta de mueres nos dias de feira. Além disso, é no mínimo curioso que o lobisomem seja descrito como homoafetivo, dado que Ramos já tinha sinalizado que não havia não binários na cidade, “quem era, era escondido” (RAMOS, 2002, p. 102). Ponderar com exatidão quais as reais intenções do autor ao caracterizar o homem lobo pela sua ausência de instrução ou por sua orientação sexual é impossível, mas, podemos tecer reflexões sobre o personagem e seu simbolismo na obra. Com efeito, na narrativa de Ramos há uma crítica ao não binarismo (que no meio social das classes abastadas sequer se revelava), ao analfabetismo e à pobreza como elementos condenatórios a mazelas e anormalidades. E há ainda (e conseqüentemente), uma repreensão moral por meio da religião, externalizada na fala do pastor

mórmon: “[...] sabendo ser Telesco um depravado, citou em sua seita Romanos 1,28,32: ‘e por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes [...]’” (RAMOS, 2002, p. 137).

Destarte, o combate e perseguição ao lobisomem pode representar uma censura a um modo de ser que não condiz com o padrão social e moral cidadão do período, rejeição que assume tons de ridicularização, haja vista que na narração o lobisomem morre por uma prosaica infecção intestinal, contrariando os finais dramáticos e grandiloquentes normalmente associados a essa figura na literatura do gênero. Numa interligação do “lobisomem” com o cotidiano da cidade retratada por Fernando Ramos, é o não binarismo, o analfabetismo e a pobreza que devem ser negados, esmorecidos, apagados da memória de uma comunidade que almeja o desenvolvimento social. Para mais, ao citar a prática da frenologia e correlacionar essa ação ao personagem Gastão Guimarães que, tanto na vida real como no romance mesmo que de maneira diversa à apontada por Ramos, simbolizava a ciência, manifesta-se todo um pensamento científico que se fez presente no Brasil, ao longo do século XIX. Marcado pela presença dos intelectuais, dentre eles os literatos brasileiros, o cientificismo realçava a negatividade da mestiçagem e o medo da degeneração que condenaria o país a decadência. As ideias pretensamente científicas defendidas nesse período se alinhavam aos projetos políticos que as tomavam como expressão de modernidade, índices de progresso. Para garantir um futuro de superioridade branca, fez-se necessário combater todas as situações e sujeitos de expressões exteriores caracterizadas pela “deformidade moral”. Conforme a análise:

[...] os médicos baianos estabeleciam correlações rígidas entre aspectos exteriores e interiores do corpo humano, considerando a miscigenação, por princípio, um retrocesso, um grande fator de *degeneração*. Dessa maneira, os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade passavam a ser utilizados como provas da correção dos modelos darwinistas sociais em sua condenação ao cruzamento, em seu alerta à *imperfeição da hereditariedade mista* [...] (SCHWARCZ, 1994, p. 145).

Portanto ao se referir à frenologia, Ramos aponta a importância de demarcar a inferioridade e malefícios que sujeitos pobres, negros ou mestiços ocasionavam na sociedade e o quanto isso poderia prejudicar o desenvolvimento de uma hegemonia branca. Mais do que a classe, na narrativa do autor, a raça passa a ser símbolo de exclusão, representa o outro que deve ser banido, apagado da história.

As particularidades dos sujeitos urbanos na escrita de Fernando Ramos instigam a tatear os perfis femininos erigidos em sua obra. As personagens femininas em *O Lobisomem de Feira de Santana*, são descritas através das imagens das normalistas “bem educadas e de azul e branco da cidade na primavera”, das fiéis do catolicismo, das pobres e das feiticeiras. Há uma preocupação do

autor em pontuar o nível de instrução e interesse feminino à prática da leitura, sempre interligados a uma vontade masculina que atuava como condicionador desse hábito de ler, afinal, “as donas de casa não liam, as normalistas liam, por um imperativo do Dr. Gastão Guimarães” (RAMOS, 2002, p. 27). Apesar de assegurar a ausência de leitura das mulheres feirenses da década de 1940, Ramos cria a personagem Dulceleida, irmã do Permínio, que contradiz o hábito da não leitura, tecendo críticas a ausência de boas livrarias na cidade.

[...] Singularmente assentando óculos de grau e cabelos com uma trança só, a irmã de Permínio tem pequeno defeito na perna. O rosto, todavia, é bem torneado. Junto do nariz, sinal. ‘É de nascença’, avisa, quando os estranhos indagam demais. Irrita-se em não encontrar na cidade bons autores, já que aqui só existe uma livraria, vendedora de livros escolares. [...] Dulceleida viaja a miúdo à Capital, traz Rabelais, Celine, [...], mas ela se envolvia com os livros de música erudita, descobrindo na Rua Chile, de Salvador, fórmulas elaboradas, no piano, de Brahms, espontâneas, de grande sensibilidade, que ela tocava [...] (RAMOS, 2002, p. 97).

Não obstante ao hábito de ler, a expressão feminina representada em Dulceleida condiz com o estereótipo da mulher prendada dentro dos limites morais e culturais da sociedade feirense. Tocar piano, ouvir músicas clássicas e praticar o catolicismo, são alguns dos indícios que evidenciam a adequação dos comportamentos ao que era desejado de uma senhorita pertencente à classe média. Além disso, o autor destaca a influência do cinema nos hábitos e costumes femininos de determinadas classes da sociedade, assinalando seu impacto nos comportamentos sociais e culturais<sup>1</sup> a modificação dos gestos, as tendências de vestuário e da estética, de forma a se aproximar dos modelos propagados pelas atrizes hollywoodianas.

Tomadas pela ótica de Ramos, as mulheres são vistas como elementos secundários ao cotidiano da cidade. Não possuem atuação para além da esfera doméstica e religiosa, e geralmente, são descritas e definidas pela aparência física ou pela origem social. As das camadas mais pobres são qualificadas/desqualificadas como desprovidas de beleza, como Quiçá, figura “antiga no Mercado de Fato. [...] A horrorosa mulher, sacrificada por dentes podres [que] parlamentava bobagens, bordando a língua portuguesa de gírias” (RAMOS, 2002, p. 86), e são visíveis no romance por meio do trabalho braçal, charlatanismo e feitiçaria, como no caso das personagens Altamira e Jardelina.

Essa concepção de cidade e sujeitos elaborada por Fernando Ramos, espelha a urbe exercida pelos homens (brancos, heteros e pertencentes à classe média e alta) detentores da força de ação que movimenta a sociedade. Em busca de revelar a diplopia em torno do lugar e seus habitantes, retorno a Juarez Bahia. Quem são os sujeitos revelados na “terra da promessa”? (BAHIA, 1986, p. 181).

<sup>1</sup> Sobre cinema e sua influência nos costumes feirenses, ver: SANTOS, 2002.

Ao voltar seu olhar para o subúrbio e seu cotidiano, Juarez Bahia atenta por meio de Florêncio, para os coronéis e seu poder local, para o crescimento de uma classe comerciante no centro da cidade e para a exclusão dos habitantes suburbanos que compunham a massa popular, o povo que revela ciência da exploração econômica e social na qual estão inseridos. Dentre seus personagens, Florêncio representa o que contradiz a reprodução/continuismo da pobreza. Ao aventurar-se para outras localidades em busca de melhoria de vida, o personagem manifesta a frustração com a terra de moradia, mas, a não redenção à miséria. Florêncio encarna assim o tipo que questiona a reprodução do sistema que estabelece o lugar social para cada indivíduo. Mas, Bahia não se limita a Florêncio como veículo para sua crítica. Para além dos pobres da Queimadinha, os feirantes que advém com a feira livre da segunda-feira, segundo Bahia (1986, p.158), “[...] são pobres como os pretos, tão pobres quanto os pretos e assim, embora brancos às vezes de olhos verdes, azuis, os que assim são também como pretos são tratados porque são pobres, chegam e saem, entram e saem da feira como anônimos [...]”.

Percebe-se que há uma demonstração da multiplicidade que forma a população local, assim como, dos limites impostos pelo ser pobre, e que vai sendo expresso por meio de mais personagens, como Tom Palanque, representação do tribuno popular que traz à superfície a crítica à ordem política e social além da questão racial. Por meio das falas de Palanque, o autor expõe então a exclusão a qual se relegava os pobres, tanto quanto, a discriminação racial no país que se espalhava e se manifestava na Feira de Santana.

As críticas feitas pelo personagem à elaboração de uma história oficial, a partir da narrativa sobre Lucas da Feira, traz em si a compreensão acerca de como se produziu um discurso histórico privilegiando certos segmentos sociais, enquanto “alguns” outros foram silenciados. No caso específico de Lucas da Feira, Bahia ao rever os estigmas que pairam sobre esse feirense, coloca em relevo o uso do medo como mecanismo capaz de ao criar um amedrontamento nos cidadãos, legitimar atos de oposição, de combate aos que incomodavam. A manipulação do mito de Lucas aliado ao temor, justificava a exclusão, o apagamento e o seu desaparecimento. Dessa forma, ao rememorar a história de Lucas, Bahia chama a atenção para esse processo de estabelecimento de táticas de controle por meio da memória e da violência.

A questão do negro no Brasil ainda é retomada por Bahia, ao longo do romance, por meio das reflexões de Tom Palanque ao evidenciar a existência do preconceito e sua relação com a pobreza.

[...] Ouça, meu caríssimo Dálvaro: no Brasil anterior a Lucas e posterior a Lucas, as prisões



estão cheias de negros. Há brancos nelas; salvo as exceções, são brancos que vivem como negros, isto é, pobres, discriminados economicamente. Brancos ricos, não. E os negros não povoam as prisões só porque não têm dinheiro, mas porque são duplamente discriminados: economicamente e socialmente [...] (BAHIA, 1986, p.130).

Além da discriminação racial, o romance revela também a discriminação para com os homoafetivos na figura do personagem Seu Ia, porta-estandarte das Melindrosas. Tom Palanque aborda a questão ao observar: “[...] Seu Ia – um rapaz trabalhador e alegre, porta-estandarte das Melindrosas, sobre quem homens e mulheres da Queimadinha atiram flechas, suposições, venenos e entre cochichos chamam de chibungo, os mais ilustrados de veado ou homossexual [...] (BAHIA, 1986, p. 50).

Distintamente do Telesco de Fernando Ramos, representado como um doente mental, o Seu Ia de Juarez Bahia surge como alguém dotado de individualidade e de interações sociais, ainda que a vivência da homoafetividade e seu relacionamento com outros homens traga-lhe consequências como o rompimento com a família e a rejeição social escancarada por meio de xingamentos como “xibungo” e “sujo,” atribuídos pela orientação sexual.

Bahia também tem uma leitura e caracterização distintas das mulheres que foram representadas no romance através de um cotidiano que as retratava por meio dos papéis de mães de santo, donas de casa, cozinheiras, amantes e prostitutas, dentre outras vivências. Trata-se de um universo inegavelmente mais diversificado no qual, as figuras femininas mostram-se ora detentoras de autonomia relativa, ora submissas. Nestes cenários diversos poderiam ser meras participantes das situações cotidianas, ou por vezes, assumir certos protagonismos e até contradizer as regras impostas pela sociedade, algo explicitado pela personagem de Adélia que simula uma falsa gravidez em sua solteirice e a expõe em lugares públicos, tornando-se alvo da censura social.

[...] Em casa, no dia da inauguração dos Currais Modelo, passou a mão no vestido novo e num lençol rendado, de noite de gala, do casal. Até que a mãe ralhou do sumiço do lençol. Enrolou-o na barriga, acima do ventre, meteu-se no vestido novo. E com a cara mais descarada deste mundo saiu ao passeio dos Currais Modelo, como numa foliã solitária, grávida em sua solidão. Aí se viu, todo mundo viu, quem quis viu, só quem não quis viu, Adélia prenha, esperando. Olha menino, é uma sensação fantástica. As pessoas olhavam, por debaixo dos olhos, pelo canto dos olhos, por cima dos olhos, uns disfarçados, outros diretos, esbugalhados, incrédulos, os olhos em cima [...] (BAHIA, 1986, p. 218).

Juarez Bahia resgata nessas representações, os perfis de mulheres pobres, sujeitas as mazelas advindas da miséria, mas também, passíveis da submissão ao próprio homem, seja para garantir a sobrevivência ou para se adequar as regras impostas pela sociedade, algo exposto através da fala da personagem de Florêncio:

[...] Flô ainda pensa que seu pai sabe tudo e se injuria com a resposta de Dos Anjos. Sabe que Santinha não sabe de tudo. Compreende que a sociedade em que vive marginalizou,

inferiorizou a mulher. Santinha é a expressão disso, voltada para a casa, a costura, a cozinha. É só. Além da cama [...] (BAHIA, 1986, p. 208).

Percebemos na tessitura das obras, as reflexões dos autores sobre a estrutura urbana e os grupos que lhe dão forma. Ao demonstrar as experiências culturais próprias do viver urbano, ambos os escritores, mesmo que de maneiras divergentes, constroem perspectivas da cidade. Na dimensão das sociabilidades apreendem também as ações políticas do município e o exercício ou ausência da cidadania, sobre o que vale nos determos mais pormenorizadamente.

Observar uma cidade é compreender a dinâmica das relações sociais que são determinadas por fatores econômicos, políticos, religiosos e culturais. Não seria diferente para com as ações políticas da Feira de Santana da década de 1940. A II Guerra Mundial suscitou o apoio brasileiro a favor dos aliados, da mesma maneira, que estimulou questionamentos sobre o próprio governo do Brasil. Era preciso finalizar a Ditadura de Getúlio Vargas e constituir governos democráticos no país. Enquanto observadores da realidade urbana, os autores trazem um olhar macroscópico que enfatiza a inserção do município e do seu cotidiano social no contexto mundial e brasileiro:

[...] O rádio deu a notícia, reproduzida em gravação pelo Serviço Feirense de Alto-falantes, da entrada do Brasil na guerra contra o nazi-nipo-fascismo. Tom Palanque não perde tempo. Ele e o Xandó Boaventura abrem com sua assinatura o documento publicado nos jornais reclamando a pronta declaração de guerra ao lado dos aliados, pedindo a criação de uma Força Expedicionária Brasileira [...] (BAHIA, 1986, p. 198).

Para Bahia, a guerra e seus impactos na cidade eram traduzidos em sua escrita por meio dos alistamentos e das críticas aos regimes nazifascistas, que traziam possibilidades de mudanças no cenário político brasileiro a partir da oposição à ditadura Vargas. Numa outra perspectiva, o mesmo conflito mundial é descrito na narrativa de Ramos, por meio da celebração em Feira de Santana, de uma missa comemorativa pelo final da guerra. Missa festiva ao ar livre, com a presença de diversas personalidades da terra.

[...] Os parvos de olhos tortos não compreendiam por que havia muita personalidade forte em torno da missa ao ar livre, defronte da Prefeitura. Com a imagem do Senhor do Bonfim enviada de Salvador, presente à missa campal, [na qual] as personalidades fortes acompanharam-na em procissão até a Matriz. Os levianos também acompanhavam os sem fé, porque queriam aparecer, ser fotografados pelo fotógrafo Naftalino Vieira, tinham a alma de louça. Muitos não sabiam nada de nazismo, uma rebeldia lamacenta. A guerra perdera a respiração, finara-se. [...] A boa professora Catuca também abominava o bruxedo alemão, e como vice-diretora do Colégio Santanópolis, se penitenciava contra os pruridos das guerras. Alguém que era crente, disse para o primeiro-tenente Mario Lustosa que a cúpula nazista vai pagar na forca. Está perdida entre latidos de cachorro [...] (RAMOS, 2002, p. 28).

Além de narrar sobre a missa comemorativa, Ramos traz uma imagem do fato logo no final do livro, na página 180, a qual expomos abaixo:

**Imagem 1:** Missa festiva em Feira de Santana.



Missa in Feira em 8 de maio de 1945 – 2ª Guerra Mundial

Fonte: *O Lobisomem de Feira de Santana*, 2002.

Ao resgatar a foto, o autor identifica com setas e nomes aqueles que ele próprio denomina em sua narrativa como “as personalidades fortes”. São eles, conforme a sequência da imagem: Jorge Leal, Maneca Ferreira, Arnold Silva, Prof.ª Catuca, Capitão Ferreira, Áureo Filho, Eduardo Mota, Padre Mário, Edelvito Campello, Quintos Café, Gastão Guimarães. Em Feira de Santana eram representantes da política, do comércio, da educação e do catolicismo. Mas, que um ato cívico, a celebração demarcava quem era a gente civilizada da terra sedimentando, por meio da fotografia, uma memória dominante condizente com os ares progressistas. Ressaltamos ainda que a descrição da missa por Ramos, denota a crítica a uma parcela da população que desconhecia os fatos mundiais, especificamente, na visão do autor, os habitantes da zona rural conforme a citação a seguir: “Quem habita a zona rural, inesperadamente é empurrado para a ignorância. [...] Há? Mas já terminou. Eles não sabem que ela levou seis anos, coifou muita gente, e que a democracia findou com a bronquite aguda do lado de lá [...]” (RAMOS, 2002, p. 98), e o uso dos eventos religiosos como meio de promoção do seu prestígio e status social.

Ao abordarem a guerra, os escritores elaboram seus pequenos historiados urbanos<sup>2</sup> e estabelecem caminhos para demonstrar não só a política de Vargas no Brasil, como também, as consequências dessa ditadura na Feira de Santana. Por narrativas distintas, retomam a questão da censura e do exercício do poder político na cidade.

A narrativa construída por Juarez Bahia toma como princípio a economia enquanto fator determinante para a ação política<sup>3</sup>. O imbricamento existente entre política e domínio econômico cria a detenção do poder pelas classes mais abastadas. Inicialmente, os fazendeiros da engorda e do corte, alguns deles, afamados coronéis, são os líderes políticos da Feira, uns no governo e outros na oposição (BAHIA, 1986, p. 30). No romance esse poder de mando é traduzido na figura do coronel Farinha, que exerce o controle de populares por meio do poderio econômico. O Coronel é representado na obra, como um elemento astuto que se adapta às condições sociais e mudanças políticas de forma a manter o seu domínio. Barão do gado, paternalista, político inveterado, com uma atuação política que se adaptava às condições sociais conforme o tempo, algo exposto na narrativa do autor, como vemos a seguir:

[...], porém, nesses vinte, trinta anos de atuação política o coronel caiu com uma república que era sua e aderiu a outra que lhe era contrária. Viu golpes e vê agora a guerra. Foi integralista e hoje se você perguntar por aí o que é o coronel, não faltará quem diga: um democrata, tipo liberal, o velhinho [...] (BAHIA, 1986, p. 100).

Está presente também na narração a simbologia do ser Coronel numa alusão a um poder local e à satisfação das vontades pessoais próprias, expostas através da perseguição a desafetos e da realização de caprichos, como a construção dos Currais Modelo. A concepção do coronelismo no *Setembro na Feira*, vem conjunto com uma ideia de transitoriedade. Para o autor, as mudanças no cotidiano da cidade fazem com que o poder migre para as mãos dos comerciantes, o que impõe uma nova dinâmica na estrutura política urbana. Os políticos começam a estabelecer alianças com setores sociais capazes de garantir as ações políticas, sejam elas, democráticas ou não. Dentre esses aliados, Juarez Bahia, salienta a Igreja Católica como instituição que apoia e fiscaliza as eleições, visando beneficiar-se com futuras doações. Para além disso, há uma crítica ao sistema eleitoral e ao voto de cabresto que perpetua a ausência de democracia. E aqui, saliento o recurso de se utilizar de diálogos entre os personagens para explanar sobre a fraude no sistema de votação. Assim, a

<sup>2</sup> Aqui faço uso do termo empregado por Carlos Drummond de Andrade no poema *Nosso Tempo* onde representa esse momento da década de 1940 por meio de críticas a sociedade capitalista e ao período de guerras e ditaduras como a de Getúlio Vargas no Brasil. Para maiores informações ver: ANDRADE, 2012.

<sup>3</sup> Essa relação entre economia e exercício de poder político foi objeto de estudo de Rafael Lins. Para mais ver: LINS, 2014.

temática vai sendo exposta e traz nessa conversação as inquietações do escritor que vê nesse método de corrupção e manutenção do poder, a força propagadora da pobreza, da desigualdade social e da ausência de uma participação popular efetiva na política.

Ao comparar a ida do eleitor às urnas com a marcha do boi para o curral, a narrativa faz alusão à necessidade de se viabilizar uma democracia efetiva, não só na Feira de Santana, mas, no país. Desejos que sintetiza na expectativa de: “[...] Na próxima eleição teremos menos votos de cabresto e nas próximas menos ainda, até que um dia esta nação terá votantes sem cabresto, senhores de seus próprios votos. Mas é importante que tenhamos permanentemente eleições. Isso é democracia [...]” (BAHIA, 1986, p. 204).

Para mais, a mesma análise é feita em relação à Ditadura Getulista. Nesse sentido, Bahia ressalta da censura as limitações impostas à vivência cidadina, as perseguições e contrapondo-se a essa tirania, o estabelecimento de uma rede de relações baseada em solidariedades e identidades que burlavam os mecanismos de controle. Essa dinâmica é perceptível na narração da perseguição de Tom Palanque, tido como “subversivo”, que se refugia no templo (terreiro) de Mãe Nena. Há um discurso presente no romance, que resgata a opressão e a limitação da cidadania vivenciada no período do governo de Getúlio Vargas. Ao destacar as perseguições e denúncias ocorridas numa cidade do interior do país, o autor atenta para a disseminação de um projeto político baseado em alianças garantidas pelas indicações dos ocupantes aos cargos do executivo, e por uma parcela da população que apoiava as medidas getulistas.

Bahia traz ainda um olhar examinador dos jornais e sua participação na sociedade feirense, principalmente, quanto às notícias políticas. Salienta, dentre outros aspectos, o silenciamento de alguns sujeitos, ou a pouca importância dada a determinados fatos do cotidiano da cidade, traço atribuído ao *Folha do Norte*, compreendido como representante desse discurso social e político tradicional das elites locais. Contraditoriamente, ao revelar a eficácia do controle ditatorial, o autor expõe a crença num futuro melhor, exercido com democracia e direitos de cidadãos a todos. Essa crença mostra-se como resistência política, mesmo que praticada clandestinamente e que ganha forma na atuação da Sociedade para a Democracia e a Defesa Civil de Feira de Santana (SDDCFS). Formada por operários, estudantes, negociantes, sindicalistas, liberais e artífices, era um lugar caracteristicamente conspirativo, soturno, matizado de mistério pelas chamadas da devoção cívica da maioria (BAHIA, 1986, p. 193). Mesmo que a ação do grupo não tenha obtido êxito, ao pontuar a tentativa ao domínio e às restrições estabelecidas, seja pela guerra ou pela ditadura, o autor dá visibilidade à existência de discordâncias e talvez, de uma consciência política manifesta na

periferia pelos populares. E aqui, devemos salientar que não são localizadas no romance, citações diretas a prática política municipal. Como o escritor priorizou a narração das consequências na vivência social da censura imposta pela ditadura, talvez isso o tenha levado a se isentar de interligar tal fenômeno à prefeitura local.

Em Ramos, por outro lado, a análise entrecruza a política feirense local com a ditadura, tecendo severas críticas a Getúlio Vargas, representado como um velho ditador responsável pela ruína do país, e ao governo municipal<sup>4</sup>. Com efeito, no panorama criado da cidade para além do lobisomem, acentua-se o desemprego e o empobrecimento da população, fenômenos interligados como consequência da política varguista. É com descrédito e ironia que o autor traz à cena a ineficiência da prefeitura para com o município, apresentando-a como a expressão local ditatorial.

[...] O governo Getúlio Vargas pisava na bola, dava chutes errados, caminhava tropeçadamente e, há muito tempo, o egrégio Sr. Lolô Carvalho havia sido apeado. O prefeito, Berbert, não muito bom na dança da serventia governamental, filho do sul do estado, era desconhecedor das necessidades do município, que precisava de ruas calçadas, limpeza e homens bem intencionados no segundo escalão da prefeitura. Aliás, depois do prefeito quem mandava era o secretário, vindo em terceiro o tesoureiro. ‘Não posso fazer nada pela cidade. Não há verba, dizia Berbert, um puxa-saco de Getúlio Vargas [...] (RAMOS, 2002, p. 96).

Ao perceber esse atrelamento entre governo federal e governo municipal, Ramos enfatiza como consequências o atraso cidadão e as falcatruas municipais que buscava garantir o apoio populacional. Ressalta também a existência de uma parcela da população que apoiava o Queremismo, desejosos da permanência de Getúlio Vargas no poder.

Agora, faremos primeiramente a referência à citação, para nossa posterior reflexão. Vejamos.

[...] Apesar da destemida vontade do feirense, o povo ainda se encantava com a atividade diminuta do fascismo brasileiro. A classe baixa não acreditava no parasitismo econômico estadonovista, entendendo que o ditador melhorou muito o País (trouxe até Volta Redonda) com o seu trabalhismo, a previdência social, o seu regime servil. A classe média e alta via no ditador um depressivo em fim de carreira, distante (quase-quase) da folhinha do Catete, de que ele não se queira separar [...] (RAMOS, 2002, p. 158).

Evidentemente, a referência instiga a interpelar quem era, para o autor, o feirense. Algo mencionado logo a seguir. Ao referendar as classes alta e média como opositoras ao Getulismo e as classes baixas como apoiadoras, se estabelece, para além da distinção classista, um perfil de ignorância, de concessão ao continuísmo do paternalismo político mantido pelo voto de cabresto. A representação criada por Fernando Ramos, culpabiliza os populares pela permanência da ditadura no poder e estabelece um imaginário que vincula a tirania e a ausência de políticas públicas voltadas

<sup>4</sup> Sobre a história política de Feira de Santana no período de Vargas ver dentre outros: SILVA, 2012.

para uma melhoria urbana, à falta de conhecimento e nível social. Isso é algo visível, como quando acentua a queda de Vargas na e pela política, indicando que o ditador “[...] ‘baixinho’ usava de mil artifícios para continuar com a faca e o queijo na mão. Se lhe cortaram o pepino, ele insistia, lançado à boa vontade dos trabalhadores, com promessas, sabendo que a maioria da população era miscigenada e de poucas letras [...]” (RAMOS, 2002, p. 170).

Ao caracterizar os pobres como “cúmplices” da ditadura, o escritor expressa um cotidiano político a partir do que ele percebe como tal, e, portanto, elabora em contraface um discurso que procura exprimir uma realidade fruto de sua relação para com a cidade. Dessa maneira, há um recorte e modelação das imagens que são criadas pelo literato que nos faz apreender não os registros do fato em si, mas, suas interpretações que por serem mediadas pelas suas referências pessoais, produzem um conteúdo cidadão repleto de subjetividades. Essa parcialidade subjetiva é percebida por meio da narrativa da reação dos munícipes da Feira de Santana, diante do fim do governo de Getúlio Vargas, em 1945. A narração construída expressa a satisfação do escritor com o fato, tal como, também retrata as reações distintas de dois grupos políticos da cidade: os dos seguidores de Getúlio e os seus opositores.

[...] Houve um rebuliço geral na cidade. Estudantes, operários e muitas mulheres do povo foram à porta da prefeitura. Era 29 de outubro. Getúlio Vargas havia sido deposto pelo general Góes Monteiro. Os defensores do ditador gritavam, num histerismo como se escorpíões os picassem, ou uma bomba atômica tivesse caído na praça principal. O prefeito, os cabelos em pé a gravata mal-assombrada, tartamudeava, trocando as pernas como galo de bozó ou bailarino fraco de circo, os bolsos entupidos de papéis, soltando palavras sem sentido para o juiz de Direito, um homem direito, decisivamente imobilizado contra a política. [...] A ditadura teve morte cerebral [...] desde agosto, quando criaram no Rio de Janeiro a Esquerda Democrática, o negócio engrossou para Getúlio. O Estado Novo esbarrou na democracia [...] (RAMOS, 2002, p. 172-173).

Observar à ação política e suas consequências na Feira de Santana da década de 1940, é escrutinar pelo ângulo de criação do autor, ou melhor, dos autores aqui utilizados, a narrativa de cada um acerca do teor e alcance da democracia. A soberania popular apreendida e retratada em *Setembro na Feira*, manifesta-se no direito à cidadania para todos, independente das classes, etnia ou sexualidade. É algo abrangente e sem exclusões, que deve ser alcançado por meio do exercício do voto consciente e livre. Por seu turno, em *O Lobisomem de Feira de Santana*, a igualdade é relativa aos “esclarecidos”, um determinado grupo social que apresentava as condições sociais e intelectuais apropriadas para o exercício do poder e da cidadania, enquanto o povo é o símbolo daquele que se deixa seduzir pelas práticas astuciosas do poder. Afora essas distinções, ressaltamos a consciência crítica dos literatos sobre as contradições políticas e econômicas que regiam as relações sociais da urbe. Coerentes com as suas experiências pessoais, demonstram como se

constituíram enquanto sujeitos atentos às transformações ou a ausências dessas, e aos novos sentidos que impregnavam a vida urbana feirense.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Companhia das Letras, 2012.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários: o romance baiano no século 20**. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro/Nova Fronteira, 1986.

LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945 – 1964)**. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2014.

NASCIMENTO, Márcia Suely do. Nas narrativas literárias: memórias e representações da Feira de Santana. **Revista Tempo, Espaço e Ligagem (TEL)**, v. 12, n. 02, 2021. p. 253-267.

RAMOS, Fernando. **O Lobisomem de Feira de Santana**. Salvador: SCT; EGBA, 2002.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919 – 1946)**. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moris. **Homem de ciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais em finais do século XIX**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1994.

SILVA, Kelman Conceição da. **Quem manda na Feira? Política, classe e rearranjos de poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado em História), Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB 2012.

*Recebido em: 09 de junho de 2022.*

*Aprovado em: 01 de agosto de 2022.*